

## “Vou fazer o P!”: Pablo Vittar, fãs e a apropriação do tecnobrega sob uma perspectiva queer na cultura digital<sup>1</sup>

Ana Karolina de Carvalho Pereira ARAÚJO<sup>2</sup>  
Lucas Guimarães Vieira de SÁ<sup>3</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### RESUMO

Pablo Vittar é uma drag queen brasileira, que em 2024 foi considerada a drag queen mais seguida no mundo nas redes sociais. Diante disso o estudo se propõe a entender como a apropriação visual e estratégica do tecnobrega pela cantora mobiliza seus fãs online. Para isso recorreremos metodologicamente a uma pesquisa exploratória nas postagens de divulgação do *single* “Ai, Ai, Ai, Mega Príncipe” na rede social X (antigo Twitter) de Pablo Vittar (@pablovittar) e da sua Central (@centraldapv). A partir dos comentários e *reposts*, analisamos os contextos conversacionais tendo como foco o modo que ela se comunica com os fãs no contexto de apropriação do tecnobrega.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música; fãs; perspectivas queer; redes sociais; cultura de fãs.

### INTRODUÇÃO

Pablo Vittar, nascida Phabullo Rodrigues da Silva, é uma cantora, compositora e drag queen brasileira natural de São Luís, Maranhão. Pablo ganhou notoriedade em 2015 com o lançamento do videoclipe da música "Open Bar", uma versão em português da canção "Lean On" de Major Lazer. A artista aponta sua musicalidade com referências no pop e gêneros regionais como o forró e o tecnobrega, gêneros típicos da região nordeste e norte do país.

Essas influências sempre estiveram presentes em seu repertório original, mas em 2021 produziu o álbum “Batidão Tropical” que contém regravações de músicas populares do forró, brega e tecnobrega. Em 2024, Pablo deu continuidade ao projeto com o “Batidão Tropical 2” e a primeira regravação, que foi lançada como segundo *single*, é “Ai, Ai, Ai, Mega Príncipe”, um dos clássicos de festas tradicionais do Estado do Pará. Na letra da música original a expressão “Vou fazer o P” é utilizada como referência ao Baile do Mega Príncipe Negro, festa popular comandada pela dupla de

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP 30 - Tecnologias e Culturas Digitais do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, email: [karol\\_carvalhoparaujo@outlook.com](mailto:karol_carvalhoparaujo@outlook.com)

<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, email: [lucasguimaraes003@gmail.com](mailto:lucasguimaraes003@gmail.com)

DJs Edilson e Edielson que são citados na música original e na regravação da Pablllo que utiliza a expressão do “Fazer o P” como uma alusão ao seu nome de drag. A aparelhagem é uma manifestação cultural popular paraense que utiliza de grandes equipamentos de som durante as festas.

Para além do resgate do tecnobrega como referência estética, elemento de musicalidade e nostalgia, Pablllo Vittar também se apropria da estética tecnobrega incorporando sua performance, perspectiva e corpo *queer*. Isso é, o uso do tecnobrega em sua musicalidade e performance durante a era do Batidão Tropical não demarca apenas questões de regionalidade e nostalgia, se comunicando com fãs que vão reconhecer os signos que compõem a estética tecnobrega. Dentro desse argumento, reconhecemos que a figura da própria Pablllo Vittar, em persona *drag queen*, demonstra também uma apropriação *queer* de um gênero musical popularmente heteronormativo.

É através dessa estética que a artista performa questões de sua identidade sexual e de gênero compondo a narrativa do álbum Batidão Tropical: a construção de imagem de diva – que a Pablllo Vittar por si só já possui pela construção de sua carreira pop no Brasil, mas que também incorpora pelo próprio elemento *drag* –, se espelha nas personas que emplacaram a popularidade do tecnobrega no Brasil durante os anos 2000. Nas visualidades, Pablllo Vittar se apropria de músicas populares e dos visuais que moldaram essas divas: Joelma, ex integrante da Banda Calypso; Nathália Calasans, da banda Saia Rodada; entre outras.

**Figura 1** - Capturas de telas de posts em que Pablllo Vittar homenageia música, estética e artistas do tecnobrega.



---

Fonte: Instagram de Pablllo Vittar (2024)<sup>4</sup>

O tecnobrega – assim como diversos outros gêneros musicais – tem sua crescente em uma esfera predominantemente normativa em construções sexuais e de gênero, presentes na construção estética desde letras de música, até as visualidades como videoclipes e figurinos.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A regionalidade levantada por Pablllo Vittar dispara uma infinidade de signos para o público, tanto regional, que cresceram dentro das culturas do norte e nordeste, ou que as tiveram como algum tipo de referência de gosto; quanto pelo público transcultural que passa a se identificar e construir seus gostos transversados pelo intermédio feito pela artista.

Diante desse contexto, a pesquisa tem como base o conceito de fãs transculturais que se envolvem com produtos culturais originários de contextos culturais diferentes do seu próprio e os ressignificam em seu próprio contexto (Amaral, 2016). A comunicação da Pablllo Vittar com seus fãs e a utilização de uma estética popular em uma região, aciona mais que apenas o consumo da música, se amplia para uma dimensão afetiva, em que a memória dos fãs é acionada e gera identificação além do produto cultural. Para Amaral (2016) o consumo dos fãs desempenham um papel importante na promoção e difusão de produtos culturais, atuando como multiplicadores e influenciadores em suas redes sociais.

O foco no afeto dos fãs nos estudos de fandom transcultural é importante porque permite uma compreensão mais profunda das motivações e conexões emocionais que impulsionam o envolvimento dos fãs com objetos culturais transfronteiriços. Ao considerar o afeto dos fãs, podemos explorar como as emoções, sentimentos e identificações influenciam suas interações dentro das redes, transcendendo fronteiras geográficas e culturais.

No entanto, contextualizar a apropriação dessa estética através de uma figura *queer*, uma *drag queen*, ativa outras noções de reapropriação e performance. É através dessa perspectiva que correlacionamos com os estudos de *camp*. Em seu ensaio “Notas sobre *Camp*”, publicado pela primeira vez em 1964, Sontag (2020, l. 484.8) destaca o

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/pablllovittar/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

*camp* “uma certa modalidade de esteticismo”. Se baseia do termo a sensibilidade os artificios, da estilização e do exagero. Em acordo com o que Sontag propõe, o tecnobrega é *camp* por essência: se encontra nas artificialidades de tradições e folclóres locais, sobretudo do Belém do Pará; nas influências locais, da música brega romântica e dos ritmos caribenhos popularizados nas rádios belenenses; na convergência entre a periferia e as tecnologias das aparelhagens (Barros, 2011, p. 28).

Por outro lado, Meyer (1994) aponta que a descrição de *camp* articulada por Sontag descaracteriza suas conotações *queer* e despolitiza o *camp*, tornando-o higienizado e palatável a um público comum – dessa forma, o autor coloca o *camp* como uma “crítica da ideologia através de uma paródia que sempre já é apropriada” (Meyer, 1994, p. 15). Através da perspectiva do *camp* enquanto estratégia *queer*, o autor observa que desatrelar o *camp* do *queer* é apagar a ironia, a sátira, o burlesco e as apropriações das próprias performances sexuais e (des)construções de gênero. Para Meyer (1994, p. 4) o *camp* é definido como “um conjunto total de práticas e estratégias performativas usadas para difundir uma identidade *queer*, definida como a produção de visibilidade social”<sup>5</sup> (tradução nossa). Dentro dessa lógica, utilizamos o termo *queer* a partir das considerações de Louro (2004, p. 7), que, dentro das discussões de performance, gênero e sexualidade, o define como

“[...] um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto na ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina”

Apesar das discordâncias entre Sontag (1964) e Meyer (1994), podemos encontrar um ponto convergente ao atribuir o *camp* como uma perspectiva estética de observar o mundo em termos de artificios e de estilizações (Sontag, 2020, l. 485.9). Essa perspectiva faz parte fundamental da forma como Pabllo Vittar se comunica com seus fãs, transculturais ou não, e os convida para a era Batidão Tropical.

## METODOLOGIA

---

<sup>5</sup> “[...] *camp* as a total body of performativa practices and strategies used to enact a queer identity, with enactment defined as the production of social visibility”.

Como metodologia, recorremos a uma pesquisa exploratória nas postagens referentes a divulgação do *single* “Ai, ai, ai, Mega Príncipe” na rede social X (antigo Twitter) de Pablo Vittar (@pablovittar) e de sua Central (@centraldapv), rede social em que a equipe oficial da *drag queen* mobiliza os fãs. Para seleção das postagens, consideramos a pertinência do *post* para a questão da pesquisa e as interações dos fãs. A partir de quatro posts e *reposts* feitos dentro desses perfis, mapeamos os principais contextos conversacionais e realizamos uma análise descritiva. Diante disso, observamos como esses contextos compõem a sociabilização na estratégia de comunicação através da apropriação do tecnobrega por Pablo Vittar.

**Figura 2** - Mapeamento dos contextos conversacionais em posts selecionados.



Fonte: Elaboração dos próprios autores (2024)

## CONCLUSÃO

Pablo Vittar, enquanto uma artista *drag queen*, é *queer* porque ocupa um espaço que perturba e provoca por não estar dentro da normatividade de gênero ou de sexualidade. A artista, que não se identifica enquanto gênero feminino, monta e constrói sua feminilidade e sensualidade através de sua persona *drag* e da construção de seus próprios gostos, utilizando das artificialidades, da própria “estilização de atos repetitivos do gênero” (Butler, 1990, p. 270), para expressar sua persona, se construir

---

como diva. Seja como uma estratégia consciente ou não, Pablló Vittar se articula enquanto potência *camp* ao se apropriar do tecnobrega, reafirmando tanto sua regionalidade e referências estéticas, quanto também ao parodiar, satirizar, ocupar e atribuir suas expressões *queer*, *aviadadas*, ao gênero tecnobrega.

A estratégia de se apropriar da estética tecnobrega e a forma como ela se comunica com os fãs ressaltam intersecções específicas do público brasileiro, *queer* e da cultura de fãs. Nesse contexto, é necessário considerar o papel de Pablló Vittar enquanto uma *drag queen* de destaque no cenário musical pop brasileiro e como seu trabalho pode potencializar os gêneros regionais ou enfrentar barreiras culturais; e como questões de regionalidade e de sexualidade podem ser acionadas na relação de consumo dos fãs.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. **Cultura pop digital brasileira: em busca de rastros político-identitários em redes**. Revista ECO PÓS, v. 19, n. 3, p. 68 - 89, 2016.

BUTLER, Judith. Performative acts and gender construction: an essay in Phenomenology and feminist theory. In Sue-Ellen Case (ed.). **Performing Feminisms: Feminist Critical Theory and Theatre**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 270-282, 1990.

BARROS, Lydia; Carneiro da Cunha Filho, Paulo. **Tecnobrega: a legitimação de um estilo musical estigmatizado no contexto do novo paradigma da crítica musical**. 2011. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

MEYER, Moe. Introduction. In: **The Politics and Poetics of Camp**. MEYER, Moe (org.). Londres/Nova York: Routledge, 1994.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação: e outros ensaios**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. E-book.